

GUIA PARA FAMÍLIAS
DE CRIANÇAS COM PAPÉIS
E COMPORTAMENTOS
DE GÉNERO DIVERSO

GUIA PARA FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM PAPÉIS E COMPORTAMENTOS DE GÊNERO DIVERSO

Este **Guia** pretende ser um apoio para famílias de crianças que se expressam em termos de género de formas não esperadas, bem como para todas as famílias interessadas em constituírem-se como aliadas dessas famílias e das próprias crianças que assim se expressam. Apresenta algumas ideias e reflexões em torno de perguntas frequentes sobre esta temática e disponibiliza diferentes recursos para o seu esclarecimento.

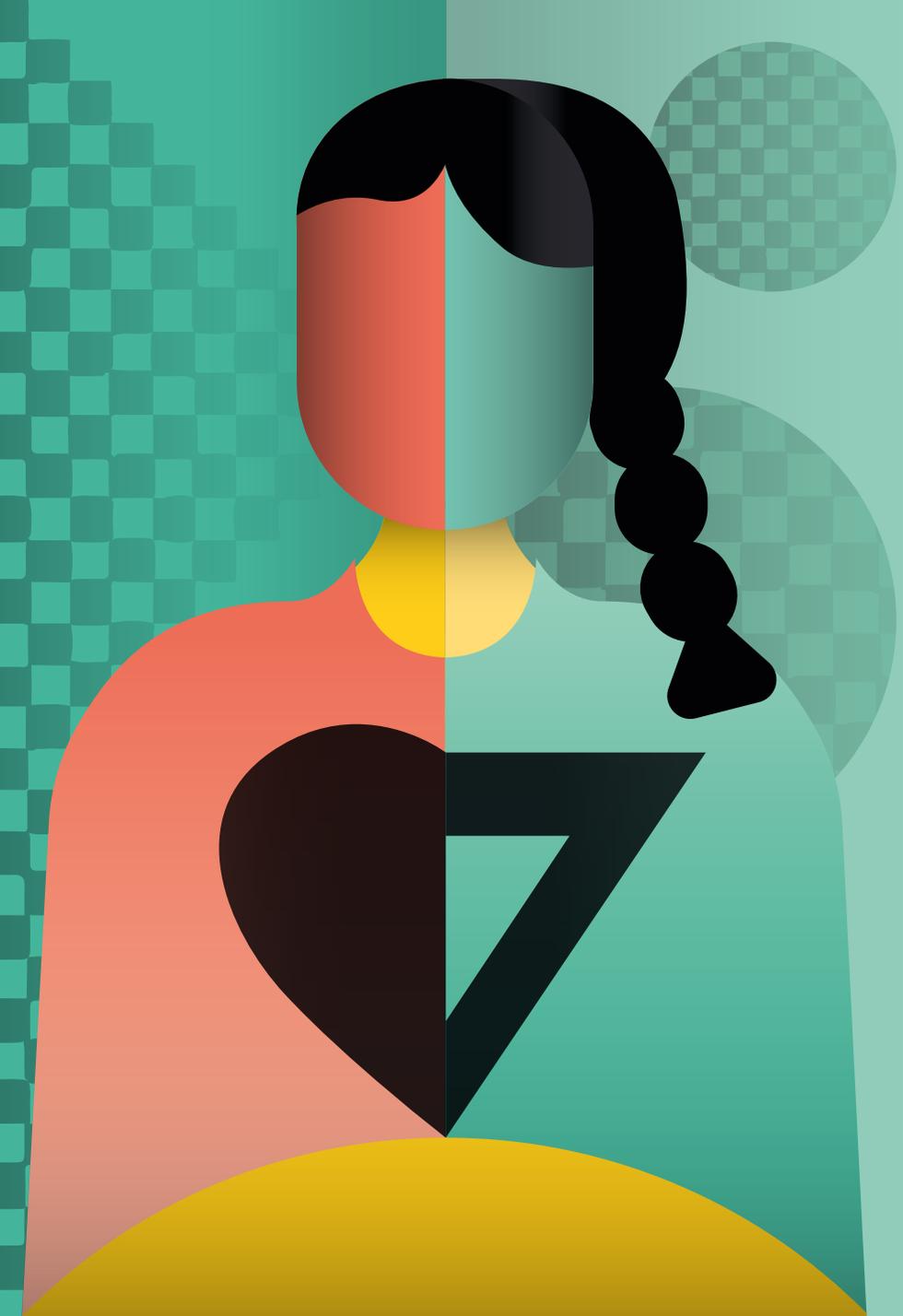
Não pretende, porém, substituir-se ao apoio especializado e personalizado que se mostre necessário, ou adequado, constituindo-se apenas como um documento orientador fundado na reflexão, experiência e estudo desta temática.

1

TODAS AS CRIANÇAS SÃO ÚNICAS ATÉ NA SUA VIVÊNCIA E EXPRESSÃO DE GÊNERO

Por vezes as crianças têm comportamentos e atitudes inesperados, que não correspondem aos papéis que normalmente se atribuem ao seu sexo (masculino ou feminino). Por exemplo, meninos que gostam de vestidos, de maquilhagem e de brincar com bonecas, brinquedos considerados “femininos”, e meninas que exprimem o seu desejo de ser super-heróis e têm interesse em brinquedos considerados “masculinos”.

Apesar do conhecimento sobre a temática de género ser hoje mais acessível, estas situações podem gerar preocupação e sofrimento em pais e mães que não compreendem as expressões diversas dos seus filhos, ou filhas, e têm sobretudo receio que sejam rejeitados nos diferentes meios em que se inserem, em particular no meio escolar e no meio familiar.



2

A DIVERSIDADE DE GÉNERO PODE GERAR DESCONFORTO?

Geralmente, a sociedade espera que indivíduos do sexo masculino se expressem de forma dita “masculina” e os do sexo feminino de forma dita “feminina”, concebendo essas expressões como “naturais”. Por exemplo, assumem que, desde o seu nascimento, as mulheres são mais sensíveis e cuidadoras e que os homens são mais agressivos e competitivos.

Contudo, uma grande parte destas associações são desenvolvidas a partir de preconceitos sociais e culturais da sociedade em que se inserem. A prova disso é o facto de os papéis de mulheres e homens variarem de cultura para cultura.

Noutros lugares do mundo e até mesmo na nossa sociedade, noutras épocas, homens e mulheres nem sempre expressaram e desempenharam os papéis sociais que hoje expressam e desempenham. Se pensarmos que nos nossos dias já muitos homens têm profissões relacionadas com o cuidar, noutros tempos associadas ao universo feminino como é caso dos educadores de infância, ou que existem equipas profissionais de futebol feminino, podemos verificar que algumas diferenças conferidas aos papéis de género masculino e feminino são sobretudo culturais.



A expressão do género masculino ou género feminino depende em grande parte da educação que se recebe, do ambiente onde se cresce e da sociedade na qual se está inserido.

O problema é que tradicionalmente achamos que as expressões e papéis de género estão determinados apenas pelo sexo biológico e, por isso, quando uma pessoa age de uma forma diferente, há quem considere que não é normal e que deve haver algum problema associado. Tudo isto se agrava quando falamos de crianças que demonstram, de forma mais contínua, esses modos não esperados socialmente de ser menino ou menina.

Talvez ajude pensarmos em masculino e feminino não como polos opostos, mas como tendo entre si uma linha, um continuum de possibilidades e experiências, que vai do **estereótipo masculino ao estereótipo feminino**.

Quando falamos em género, falamos de uma aprendizagem em grande parte inconsciente. Ou seja, aprendemos a comportar-nos como o que se convencionou serem comportamentos de homens e mulheres a partir do que vemos à nossa volta. A infância é por isso uma fase de aprendizagem de papéis de género.

Embora para as pessoas adultas seja evidente, para algumas crianças não é óbvio que certas atividades sejam reservadas apenas para meninas e outras para meninos. Algumas crianças não se enquadram naquilo que lhes está social e culturalmente reservado por serem meninos ou meninas.

Por outro lado, as expressões de género na infância não são taxativamente só masculinas ou só femininas. Há rapazes que gostam tanto de atividades ditas masculinas como de brincar com bonecas. Também não é óbvia a sua identificação pessoal com um ou com o outro género. Algumas crianças, quando confrontadas com a questão do género, não sabem responder com qual se identificam. Enquanto umas afirmam identificar-se com um dos géneros (nem sempre coincidente com o sexo atribuído à nascença), outras referem depender da situação (nuns dias identificam-se mais com o género masculino enquanto noutros se identificam com o feminino), havendo ainda as que afirmam não se sentirem nem de um género nem do outro.

As crianças que experimentam esta “variação de género” fazem-no enquanto parte da construção da sua própria identidade ou simplesmente por exploração.

Chama-se a estes modos alternativos de expressão de género “diversidade de género na infância”, precisamente para salientar que não existem apenas dois modos opostos, mutuamente exclusivos e padronizados pelos quais as crianças se podem identificar e expressar em termos de género.

Quando confrontados com estas expressões, alguns pais e mães acabam por considerar que os seus filhos ou filhas têm algum problema, o que os pode levar a pensar que, ao longo do seu percurso de exercício da parentalidade, fizeram algo de errado. Temem que os seus filhos ou filhas sejam diferentes dos outros e que no futuro possam vir a identificar-se como pessoas gay, lésbicas ou transexuais/transgénero.

UMA COISA DE CADA VEZ

Em primeiro lugar, a diversidade de género manifesta-se naturalmente na infância, sendo que as crianças que a exprimem não têm transtornos psicológicos, nem desajustes biológicos. Se estivessem sós numa ilha deserta, provavelmente não teriam qualquer problema. O problema está no que as outras pessoas pensam sobre este tipo de comportamentos, ou seja, nos preconceitos sociais associados a estas vivências. O fundamental será então ensinar as pessoas que se relacionam com estas crianças a compreendê-las, em vez de tentarem que sejam as crianças a mudar os seus comportamentos.

Em segundo lugar, não se deve atribuir qualquer responsabilidade à família (em particular aos pais e às mães). Dado que não há nestas manifestações nada de negativo. Negativo será reprimir ou castigar estas expressões de género diversas, porque ao fazê-lo prejudicam a autoestima e a construção da personalidade, pondo em causa o bem-estar e a saúde mental das próprias crianças. Os pais, as mães, assim como as pessoas próximas deverão, pelo contrário, acompanhá-las, escutá-las, apoiá-las.

Em relação ao sentimento de diferença, será interessante refletir a esse respeito. Por vezes, os pais e as mães acham que o seu filho é diferente porque gosta de brincar com maquilhagem e vestidos, quando os meninos da mesma idade não brincam dessa forma. Mas não pensam que talvez os outros meninos não tenham tido a oportunidade de o fazer, porque a sua família não os tenha deixado, ou por lhes terem dito demasiadas vezes que tais brinquedos são de menina ou de menino. Se as crianças escolhessem os seus próprios brinquedos, sem pressões (publicidade, mensagens dirigidas a determinado género, estereótipos) ficaríamos surpreendidos com o resultado.

Existem muitas atividades que a maior parte das crianças não pratica e que ninguém acha estranho quando apenas algumas crianças o fazem. Por exemplo, nem todas as crianças gostam de olhar para as estrelas e saber a sua posição no céu. Alguém acha diferentes as crianças que o fazem? Não, porque estas atividades são neutras do ponto de vista de género, e não induzem que se questionem os estereótipos de género que moldam, preocupantemente, os comportamentos sociais.

QUE FUTURO PARA ESTAS CRIANÇAS?

Em relação ao seu futuro, tem de ficar claro que expressões de género diversas não determinam a orientação sexual. Há homens gay que na sua infância nunca tiveram brincadeiras ditas femininas e há homens heterossexuais que gostaram dessas brincadeiras. O mesmo para as mulheres lésbicas e heterossexuais. Há mulheres lésbicas que na infância nunca se expressaram de forma dita masculina e mulheres heterossexuais que em pequenas preferiram as brincadeiras dos rapazes. Aliás, a ideia de que os rapazes mais femininos um dia serão homens gay e as raparigas, mais masculinas, mulheres lésbicas está baseada no estereótipo e preconceito homofóbico e não na realidade.

O mesmo se passa em relação à transexualidade. O facto de uma criança se comportar ou se identificar com uma expressão de género diferente da socialmente esperada não significa que um dia queira transitar para o género oposto. É possível que um menino se sinta feminino nalgumas situações ou momentos da sua vida, mas isso não quer dizer que não se sinta um rapaz. O mesmo se passa com as meninas. Os pais e pessoas próximas deverão por isso estar atentos, ouvir os seus filhos ou filhas, ser capazes de distinguir, ou ir compreendendo, se a expressão de género é experiencial ou identitária para melhor corresponder às necessidades e anseios das crianças.

3

COMO POSSO AJUDAR? ALGUNS ELEMENTOS CHAVE PARA ACOMPANHAR AS CRIANÇAS NESTE PROCESSO

Na maior parte destas situações, o receio e a incompreensão estão mais presentes nos adultos do que nas próprias crianças. No seu mundo de jogos e diversões, as crianças não sentem que estão a fazer algo de errado. Mas os adultos conhecem as consequências de se transgredir as normas de género e sabem que podem ser difíceis. Estes medos e preocupações levam pais e mães a reagir de forma negativa, transmitindo essa insegurança às crianças. Uma insegurança que é nossa, dos adultos e não das crianças.

O PAPEL DA FAMÍLIA

Antes de mais demonstrar que o amor incondicional existe e que não será a expressão de género dos nossos filhos ou filhas um condicionante para esse amor.

Independentemente das demonstrações de amor e confiança, alguns pais sentem-se confrontados com o seguinte dilema perante tais situações: devem acompanhar o seu filho ou filha e deixar que se expresse como deseja – o que irá reforçar a sua autoestima e segurança identitária – ou devem corrigir essas manifestações para evitar que seja vítima de discriminação ou bullying?



Sob este ponto de vista, a criança tanto sofrerá pela violência do ambiente onde se insere como pelo facto de ter sido obrigada a reprimir os seus comportamentos. Neste sentido, mudar o nosso ponto de vista poderá ajudar a deixar para trás este dilema. É possível acompanhar os nossos filhos ou filhas e deixá-los exprimirem-se como desejam, e ao mesmo tempo explicar-lhes que algumas atitudes poderão não ser compreendidas por algumas pessoas.

Mas isto não quer dizer que tenham de mudar o seu comportamento. Apenas tomar consciência da perceção que os outros têm. Por exemplo, se o nosso filho nos diz que se quer vestir de fada no Carnaval da escola, podemos comprar o vestido de fada e ao mesmo tempo explicar que, se calhar, algumas pessoas da sua turma poderão não gostar de o ver assim vestido. Mas que, da mesma forma, outras pessoas irão gostar tanto quanto nós desse seu disfarce. É necessário mostrar-lhe que as suas escolhas não são erradas. Provavelmente, a função mais importante que a família pode ter nestes processos é acompanhar a criança orgulhosamente à sua escola, para que ela não se sinta culpada dos preconceitos dos outros, mas, pelo contrário, se sinta apoiada e valorizada.

Cada caso é um caso, cada criança tem as suas particularidades e o seu meio envolvente. Terão de ser os pais e as mães, teoricamente aqueles que melhor conhecem os seus filhos ou filhas, a traçar fronteiras. A definir os limites da liberdade da criança em expressar-se livremente, bem como da sua segurança.

Há no entanto uma certeza: quando as famílias reprimem ou castigam estas atitudes ou comportamentos, pela sua própria dificuldade em lidar com eles, as crianças deixam de os desempenhar à sua frente, passando a viver uma vida dupla e escondida.

É fácil de compreender que, se as crianças desejam fazê-lo, é mais saudável que os partilhem connosco, que nos deem a oportunidade de ficarmos do seu lado e sentirem que podem falar sobre o que pensam e como se sentem, sem constrangimentos.

Há casos em que um dos elementos do casal não concorda com o outro sobre o caminho que devem seguir em relação a esta situação e enviam mensagens contraditórias aos seus filhos ou filhas. Um aceitando a situação enquanto o outro a recusa. Estas situações são difíceis de gerir, mas temos de pensar que os pais e as mães são referências muito importantes no desenvolvimento da personalidade dos seus filhos e filhas e, por isso, a sua atitude é de uma enorme responsabilidade.

AUTOESTIMA E COMUNICAÇÃO

Grande parte dos profissionais de saúde que acompanham famílias com crianças com expressões de género não normativas sentem que uma das melhores estratégias para a promoção da saúde mental e social destas crianças é potencializar a sua autoestima. Quanto mais seguras forem de si próprias, melhor poderão fazer frente às situações de conflito. Promover a autoestima das crianças significa fazer com que se sintam aceites, respeitadas, apoiadas e amadas. E, sobretudo, fazer com que saibam que aquilo que em certas pessoas provoca crítica e preconceito, para as pessoas que as amam é, pelo contrário, recebido com orgulho, amor e respeito.

Algumas famílias com crianças com expressões de género não normativas dizem aceitá-las completamente, deixando, no entanto, as crianças com a total responsabilidade de lidar com a situação. Esta atitude de “deixa andar” consubstancia-se num certo silenciamento do tema. Algumas não falam do tema porque estão à espera que o tempo passe e que

as crianças cresçam. Esta posição não demonstra aceitação mas alheamento. **É importante falar e comunicar com as crianças, perguntar-lhes como se sentem, da mesma maneira que perguntamos por outros assuntos que lhes dizem respeito e as preocupam.** É na infância que a discriminação é vivida de forma mais dolorosa. O silenciamento retira às crianças a possibilidade de ouvir das pessoas mais próximas incentivos para que possam desenvolver plenamente a sua personalidade criativa e construtiva.

Na sociedade em que nos inserimos é muito provável que os nossos filhos e filhas, que se expressam de forma não normativa relativamente ao género, recebam mensagens de que o que estão a fazer é mau, errado, e até que sejam discriminados em algumas situações. É muito difícil impedir todas essas mensagens e atitudes negativas, mas podemos preparar e apoiar as crianças para fazer frente a estas situações. É importante que, ao mesmo tempo que estamos a apoiá-las, também criemos canais de comunicação e confiança para que possam falar de como se sentem. Algumas crianças que sofrem de bullying nas escolas ficam caladas porque sentem vergonha e pensam que não devem contar à família. Este medo torna-as ainda mais vulneráveis porque têm, em segredo, experiências de discriminação e violência.

As famílias têm de criar canais fortes de comunicação para estas situações não ficarem em silêncio e para que possam intervir, designadamente criando estratégias que as protejam da discriminação e da violência.

Em relação a esta questão, observa-se que as meninas com comportamentos masculinos geralmente têm uma maior autoestima do que os meninos com comportamentos femininos. Provavelmente, isto deve-se ao facto de a nossa sociedade ser predominantemente machista, o que faz com

que as mulheres que se comportem de um modo masculino sejam menos estigmatizadas do que os homens com comportamentos femininos.

NÃO É APENAS UMA QUESTÃO DE GÉNERO

Em alguns casos, e face a estas situações, este tipo de comportamentos pontuais e quotidianos acabam por esconder outros traços da personalidade das crianças. Isto é, a personalidade é muito mais do que a sua expressão de género. A expressão de género é importante mas não deve ser a única característica para descrever uma pessoa. É importante ver para além destas atitudes masculinas e femininas.

ACOMPANHAR O MEIO SOCIAL DA CRIANÇA

Para ajudar a compreender esta problemática, é importante aprendermos a compreender e a normalizar estas situações. Os principais espaços de socialização das crianças são a família e a escola. Por isso, é positivo falar com os outros adultos da família sobre os gostos e atitudes – do nosso filho ou filha – para que tenham isto em consideração, ajudando a reforçar a sua autoestima. Para evitar situações desconfortáveis, há famílias que tentam manter estes comportamentos em segredo para não serem julgadas pelos outros membros da família (tios, primos, avós), mas geralmente é difícil mantê-los em segredo porque as crianças agem livremente. É provável que algumas pessoas não compreendam o que se passa ou possam estranhar, mas é precisamente por isso que é necessário falar com naturalidade da situação e ter uma atitude positiva em relação a esta questão. Isso irá permitir que o resto da família participe e possa ter um papel ativo na proteção, reforço e livre desenvolvimento da personalidade da criança. Por exemplo, podemos orientar a nossa família e amigos sobre que prendas oferecer no Natal.

Em relação à escola, é importante partilhar estas vivências com os profissionais educativos, que muito provavelmente até já se terão apercebido da situação. Na escola e em ambientes similares é onde acontecem a maior parte das situações de discriminação vividas por crianças com expressões de género não normativas.

Será importante informar os responsáveis destes espaços sobre o que devem fazer face a situações de discriminação, que se manifestam não apenas através da violência mas também por expressões jocosas e de desrespeito que magoam e conduzem, por vezes, ao isolamento e à autoexclusão. Também é provável que os educadores se sintam um pouco desorientados sobre esta questão, sendo importante explicar-lhes que o nosso filho ou filha se expressa de modos não conformes aos esperados socialmente mas que tal não representa nada de errado. Devemos deixar claro que queremos que o ambiente onde se insere respeite e aceite a sua personalidade, as suas preferências e as suas expressões.

Explicar, orientar e acompanhar as pessoas que partilham o ambiente com os nossos filhos ou filhas é uma tarefa difícil, mas é um elemento chave para a criança ter uma maior liberdade de se expressar e não ter receio de ser como é.

4

O QUE ACONTECE SE O NOSSO FILHO OU FILHA FOR GAY, LÉSBICA, BISSEXUAL OU TRANS?

Em primeiro lugar ser gay, lésbica, bissexual ou homossexual não tem nada a ver com ser transexual ou transgénero (trans). A homossexualidade, a heterossexualidade e a bissexualidade têm a ver com a orientação sexual, ou seja, com o facto de se sentir atraído por pessoas do mesmo género, do género oposto ou por ambos. Ser transexual ou transgénero refere-se à identidade de género, e a esta quando o sentido íntimo de pertença em termos de género não corresponde ao sexo atribuído à nascença. No caso de corresponder diz-se que a pessoa é cisgénero. É frequente existir confusão sobre estas questões mas devem ficar claras para poderem ser explicadas aos nossos filhos ou filhas.

Em segundo lugar, se o nosso filho ou filha for gay, lésbica ou trans é provável que o comunique, na altura que lhe parecer certa, se tiverem sido criados bons e seguros canais de comunicação. Se não o explicitarem (que são gay, lésbicas, bissexuais, trans), não é preciso insistir. Eles/elas só precisam de se encontrar a si próprios/as e ao modo como se identificam. Aos pais e mães cabe o papel de estarem presentes e disponíveis quando esse filho ou filha precisarem. Isso é o mais importante.

5

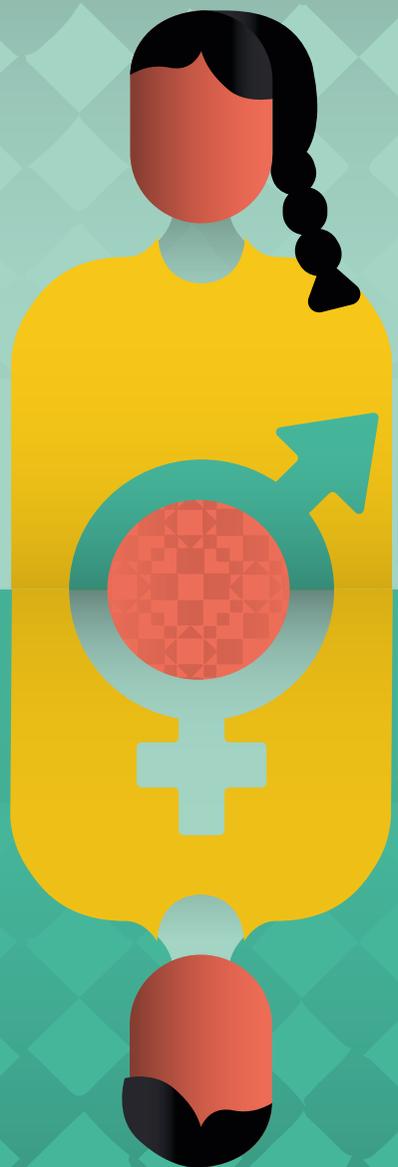
E QUEM É QUE AJUDA AS FAMÍLIAS A LIDAR COM OS SEUS SENTIMENTOS?

Acompanhar uma criança com expressão de género não normativa pode não ser fácil.

Como já foi dito, o ambiente onde a criança se insere pode criar situações conflituosas e essas situações podem fazer com que os pais e mães experienciem emoções contraditórias.

São diversas as emoções que as famílias costumam experienciar: culpa, vergonha, tristeza, negação, medo, etc. Será importante poder expressar estas emoções em contextos específicos e procurar pessoas que as acompanhem nesse processo. O contacto com outras famílias obriga-nos a pensar sobre as expectativas que criamos em relação aos nossos filhos e filhas e refletir sobre questões em que nunca tínhamos pensado, como o facto de que ser homem ou mulher não é assim tão evidente como se julga. A AMPLOS proporciona encontros e recursos de apoio a estas famílias.

Devemos ter esperança e encarar esta situação não como um problema mas como um desafio que muitas famílias superam com sucesso e que reforça o vínculo emocional com os seus filhos e filhas.



GLOSSÁRIO

Expressões de género – comportamentos, atividades e atitudes que são atribuídos ao género masculino ou feminino.

Papéis de género – conjunto de regras que uma sociedade define, arbitrariamente, para o género masculino ou feminino: forma de vestir, comportamento, pensamentos, forma de se relacionar; cada cultura e contexto social tem “definidos” os seus papéis de género, que mudam ao longo do tempo e estão também sujeitos a decisões políticas.

Identidade de género – sentimento de ser do género feminino (mulher) ou do género masculino (homem) independentemente da anatomia. Sexo – refere-se às diferenças entre homens e mulheres do ponto de vista biológico e fisiológico. Trata-se de uma definição bastante limitada face à complexidade e variações de papéis associados a cada um dos sexos no contexto social.

Transgénero – uma pessoa transgénero é alguém que não corresponde às convenções sociais e categorias tradicionais de género associadas ao seu sexo atribuído à nascença.

Transexual – uma pessoa transexual é alguém que sente que a sua identidade de género é diferente do seu sexo atribuído à nascença. Algumas pessoas transexuais desejam mudar o seu corpo através de tratamentos e/ou cirurgias, mas nem todas.

Trans – forma abreviada englobando as pessoas transexuais e transgénero.

Transição social de género – apresentação pública do género autoatribuído quando este não corresponde ao sexo atribuído à nascença.

Orientação sexual – refere-se ao que cada pessoa pensa e sente sobre si própria e sobre a sua afetividade e sexualidade e por quem se sente atraído afetiva e sexualmente. Uma pessoa é considerada:

- heterossexual se se sente sobretudo atraída por pessoas de género diferente;
- homossexual se se sente sobretudo atraída por pessoas do mesmo género;
- bissexual se se sente atraída por pessoas de ambos os géneros;
- lésbica – designação atribuída a mulheres homossexuais;
- gay – designação dada a homens homossexuais.

RECURSOS

Na maior parte dos contos de fadas, bandas desenhadas, filmes e outros recursos infantis, aparecem histórias de meninos masculinos e meninas femininas, príncipes e princesas, etc. Estes materiais acabam por invisibilizar outras vivências e criam um imaginário nas crianças (e também nas pessoas adultas) onde existe apenas uma forma de ser. Por tudo isto, seria importante que as famílias fossem capazes de introduzir referências de diversidade nos materiais e jogos lúdicos, por exemplo, para que estas crianças não se sintam sozinhas e incompreendidas. Para que elas possam ver que há outras crianças como elas que são felizes e que estão bem, e que há outros modelos com os quais se podem identificar.

Podem utilizar-se diferentes recursos como livros infantis, filmes ou desenhos animados que contam histórias de crianças com comportamentos de género não normativos.

Seguem alguns recursos que as famílias poderão utilizar:

Espelho Eu

www.facebook.com/espelhoeu/

Livros:

Os Vestidos do Tiago

Joana Estrela (apenas disponível online)

O Livro do Pedro

Manuela Bacelar
 Editora: Edições Afrontamento

A Minha Família é a Melhor do Mundo. E a Tua?

Joana Miranda e Sofia Neves
 Editora: Fonte da Palavra.

Teodorico e as Mães Cegonhas

Ana Zanatti
 Editora: Objectiva

Três com Tango

Justin Richardson, Peter Parnell e Henry Cole (ilustração)
 Editora: Kalandra

A Vila das Cores

Bruno Magina; ilustração: Carolina Figueira

Ser Quem Sou

Margarida Fonseca Santos
 Editora: Booksmile

Vídeos:**Niños Rosados y Ninãs Azules**

https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=WfBuMoSJsTo

Nacimiento de la Luciernaga

https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=CVwDulxOUzY

Campanha U Supermarket

<https://www.youtube.com/watch?v=R9qzoBDBg1Q>

How to Be a Girl (Como Ser Una Niña)

<https://vimeo.com/135826338>

APOIOS INSTITUCIONAIS

AMPLOS**www.amplos.pt**

Associação de mães e pais pela liberdade de orientação sexual e de identidade de género. Propõe-se desenvolver ações que fomentem o respeito pela diversidade de orientação sexual e identidade de género; programas de informação e de apoio a mães, pais e familiares de pessoas LGBTI; programas de participação cidadã pelas causas LGBTI; ações tendentes à eliminação de obstáculos de ordem jurídica que limitem a igualdade de direitos de pessoas LGBTI; ações de aconselhamento dirigidas a pais e familiares e conducentes à aceitação e integração de pessoas LGBTI, na família e na sociedade, assim como em ambiente laboral, comunitário e escolar.

IAC**www.iacriança.pt**Instituto de Apoio à Criança

Tem por objetivo principal contribuir para o desenvolvimento integral da criança, na defesa e promoção dos seus direitos, sendo a criança encarada na sua globalidade como sujeito de direitos na família, na escola, na saúde, na segurança social ou nos seus tempos livres. Tem desenvolvido nos últimos anos ações de sensibilização para a igualdade género sob o mote "deixem os brinquedos em paz, não são de rapariga nem de rapaz".

CIG**www.cig.gov.pt**Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

A Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG) é o organismo nacional responsável pela Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação - Portugal + Igual que, através de diferentes Planos de Ação, define objetivos estratégicos e específicos em matéria de não discriminação em razão do sexo e igualdade entre mulheres e homens, de prevenção e combate a todas as formas de violência contra as mulheres, violência de

género e violência doméstica e de combate à discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género, e características sexuais.

APF

www.apf.pt

Associação para o Planeamento da Família

A APF tem como missão ajudar as pessoas a fazerem escolhas livres e conscientes na sua vida sexual e reprodutiva e promover a parentalidade positiva.

Ainda:

Associação ILGA Portugal

ilga-portugal.pt

É a maior e mais antiga associação de defesa dos direitos de lésbicas, gay, bissexuais, trans e intersexo (LGBTI) em Portugal.

Rede Ex Aequo

www.rea.pt

A rede Ex Aequo é uma associação de jovens lésbicas, gay, bissexuais, trans e intersexo, e simpatizantes, com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos.

Casa Qui

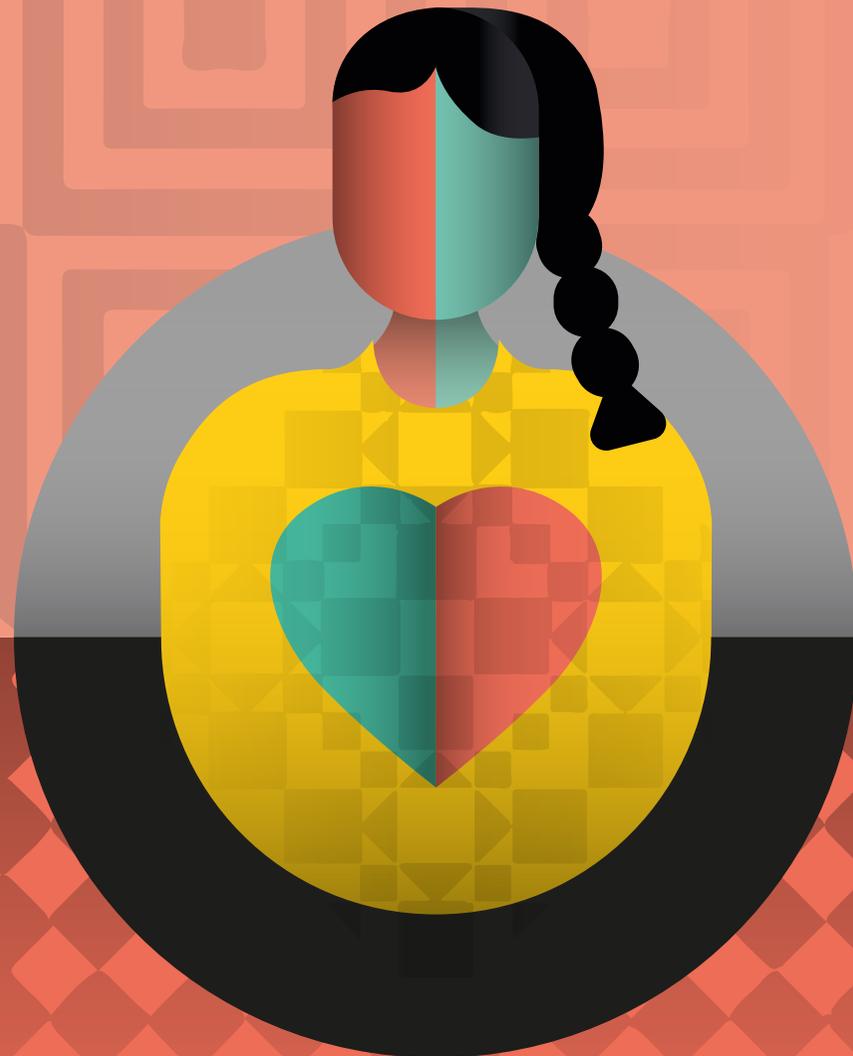
www.casa-qui.pt

É uma associação de solidariedade social especializada nas questões da igualdade de género, orientação sexual e identidade ou expressão de género.

Associação Plano I

www.associacaoplanoi.org

A Associação Plano I é uma organização sem fins lucrativos cuja missão é a promoção da igualdade e da inclusão.





ASSOCIAÇÃO DE MÃES E PAIS
PELA LIBERDADE DE ORIENTAÇÃO SEXUAL
E IDENTIDADE DE GÊNERO



IAC
Instituto de Apoio à Criança



Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
Presidência do Conselho de Ministros

